


UM FUTURO COMUM: COVID-19, SUSTENTABILIDADE E APRENDIZAGENS

A COMMON FUTURE: COVID-19, SUSTAINABILITY AND LEARNINGS

Recebido em: 01/09/2021

Aceito em: 03/12/2021

Gilmar Jose Hellmann¹ 

Maclovio Corrêa Da Silva² 

Resumo: O ano de 2020 foi marcado pela disseminação do vírus Sars-CoV-2 pelo Planeta. A doença, somada à outras moléstias, pode se desdobrar em enfermidades diversas. Este artigo trata de aprendizagens da sociedade providas da pandemia da doença Covid-19 sob o olhar de parâmetros da sustentabilidade. O objetivo deste texto é apresentar aspectos relacionais de aprendizagens, sustentabilidade e Covid-19, os quais estão sintonizados com as ideias de futuro comum e de satisfação de necessidades das gerações presentes e futuras. Predomina a análise qualitativa das relações humanas e da sustentabilidade nos aspectos ambientais e socioeconômicos durante o fenômeno pandêmico. Ressalta-se a contribuição das ciências sociais aplicadas, ciências humanas e outras áreas do conhecimento para a contextualização do evento e dos portadores de doenças. O texto tem três partes: nosso futuro comum; a sustentabilidade e a doença; aprendizagens sociais para a presente e as futuras gerações. Se pudermos inferir sobre as certezas e incertezas nas consequências e nas mediações do fenômeno, será possível identificar aprendizagens, viabilidades globais, nacionais, regionais e locais a serem compiladas, organizadas e socializadas para futuras pandemias. Conclui-se que o fenômeno é um marco de processos de ensino e aprendizagem de comunidades em relação ao futuro comum e à sustentabilidade.

Palavras-chave: Covid-19, Pandemia, Sustentabilidade, Aprendizagens.

Abstract: The year 2020 was marked by the spread of the Sars-CoV-2 virus across the planet. The disease, added to other ailments, can unfold into different illnesses. This article deals with social lessons learned from the Covid-19 disease pandemic under the perspective of sustainability parameters. The objective of this text is to present relational aspects of learning, sustainability and Covid-19, which are in tune with the ideas of a common future and meeting the needs of present and future generations. The qualitative analysis of human relations and sustainability in environmental and socioeconomic aspects prevails during the pandemic phenomenon. It emphasizes the contribution of applied social sciences, human sciences and other areas of knowledge for the contextualization of the event and of people with diseases. The text has three parts: our common future; sustainability and disease; social learning for present and future generations. If we can infer about the certainties and uncertainties in the consequences and mediations of the phenomenon, it will be possible to identify lessons learned, global, national, regional and local viability to be compiled, organized and socialized for future pandemics. We conclude that the phenomenon is a milestone in the teaching and learning processes of communities in relation to the common future and sustainability.

Keywords: Covid-19, Pandemic, Sustainability, Learning.

¹ Aluno do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: gilmar.hellmann@ifpr.edu.br

² Aluno do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: maclovio.utfpr@gmail.com

INTRODUÇÃO

Talvez nunca se determine data precisa para o início do evento pandêmico, embora, os aspectos temporais e o geográfico sejam tomados como ponto pedagógico de referência e aprendizagem. A cidade de Wuhan na China era um local como qualquer outra cidade do Planeta, quase anônima para a visão de mundo de muitos seres humanos. Tornou-se conhecida na história do fenômeno, não por características identitárias, mas sim pelas novas relações que desafiaram a humanidade e sua bio-espacialidade: o *dominus naturea*.

“A peste pode vir e ir embora sem que o coração do homem seja tocado”, disse Domenico de Masi, citando a frase de Albert Camus, do livro “A peste” (DE MASI, 2020). A pandemia da Covid-19 é um fenômeno que ressoou no universo social, cultural, econômico e ambiental do mundo moderno com variedades de facetas. Podemos compreender as aprendizagens do fenômeno presente conforme as ações e reações de cada ser humano para consigo mesmo, seus semelhantes e o meio que o sustenta, e assim projetar a continuidade da vida. A consciência se dá de alguma forma na análise dos discursos, com a descrição mais completa possível do fenômeno, e poderemos nos aproximar, com evidência e certeza, da própria essência das coisas, e a estrutura lógica necessária (JUNIOR, 1991, p. 16). Segundo o pensamento de Edmund Husserl (1859 – 1938),

É nesta tentativa de conhecer o existente, conforme ele se manifesta na consciência, que Husserl vai desenvolver seu pensamento fenomenológico a partir da palavra-chave: retorno-às-coisas-mesmas, para postular que se observe e descreva cuidadosamente os fenômenos (reais ou imaginários) com o objetivo de apreender a essência de determinada espécie de eventos (JUNIOR, 1991, p. 15-16).

Constatam-se recorrentemente percepções da doença por meio de expressões individuais, como “eu conheci”, “na minha vida”, “no meu caso”, “um colega me falou”, “no meu trabalho”, “na minha família”, entre muitas outras. Ou referências coletivas, como “naquele local, no país, no estado, no município”. Ora pois, estas manifestações são relevantes na medida em que oportunizam conhecer e experimentar uma diversidade de enfoques, e a reflexão sobre a essência e as lógicas que se reproduzem sobre o mesmo fenômeno.

Nas relações sincrônicas e diacrônicas que se estabelecem entre o fenômeno da Covid-19 e o ser humano, expressam-se estruturas de linguagens conceituais (teóricas) e padrões comportamentais (empíricas) em diferentes perspectivas. A fenomenologia, enquanto ciência, pode auxiliar a evidenciar aprendizagens essenciais apreendidas do fenômeno e suas relações.

Com criticidade acadêmica é possível identificar e compreender os "sentidos de tudo isso". Não como verdades puras e únicas, mas como conhecimento científico refutável, discutível, crítico e autocrítico que possibilita alterações, revisões e substituições de paradigmas convencionados (SOUSA, 2006).

Martins (2004), ao estudar a pesquisa qualitativa e as ciências sociais, explica que no século XIX, o analista teria que estar distante do seu objeto de estudo e neutralizar sua postura para se aproximar mais da verdade. Mas isto mudou, e o cientista da atualidade está orientado para um projeto de estudo voltado à solidariedade, à criatividade e à harmonia entre o tema escolhido para desenvolver e a necessidade de dialogar com as comunidades. Por mais que os protocolos e os “distanciamentos” sejam propostos ou estabelecidos, mesmo que por razões sanitárias de sobrevivência, as pessoas não conseguem mais ficar isentas dos contatos com os fatos, notícias, comunicações, emoções e o mundo que as circunda.

Há um dinamismo cognitivo-intelectual que possibilita a revelação do *homo socialis* em locais do mundo onde podem estar vestígios imaginários e ideários de uma doença. Numa tentativa quase darwiniana de identificar a procedência do Coronavírus, ocorreram aprendizagens fomentadas pelo fenômeno pandêmico sob diversas perspectivas, dentre elas a ambiental, a cultural, a econômica, e pelo futuro comum. Este artigo trata de aprendizagens provindas da doença Covid-19 nas dimensões da sustentabilidade sintonizadas com a ideia do futuro comum, destacando a preocupação das ações presentes da humanidade com as gerações futuras. O objetivo deste texto é apresentar aspectos relacionais de aprendizagens, sustentabilidade e Covid-19, os quais estão sintonizados com as ideias de futuro comum e de satisfação de necessidades das gerações presentes e futuras. A análise é qualitativa, desfrutando da produção interdisciplinar publicizada por autores das mais variadas áreas de conhecimento, destacando as relações humanas nos aspectos ambientais, culturais e econômicos que se desdobraram durante o fenômeno da pandemia. O texto tem três partes: nosso futuro comum; a sustentabilidade e a doença; aprendizagens para a presente e as futuras gerações. Dentre certezas e incertezas, projetam-se evidências quantitativas e qualitativas do fenômeno, destacando aprendizagens, viabilidades globais, nacionais, regionais e locais, compiladas, organizadas e socializadas para futuras pandemias. Conclui-se que o fenômeno sanitário de interesse internacional é um marco no processo de ensino e aprendizagem de comunidades em relação ao futuro comum e à sustentabilidade.

NOSSO FUTURO COMUM

Na obra “Nosso Futuro Comum” (1991), a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento lançou as ideias da finitude de recursos do Planeta, das suas limitações de uso e de consumo, e do atendimento das necessidades das gerações presentes e futuras. Havia um descompasso temporal entre a disponibilidade de materiais e as potencialidades da tecnologia para retirá-los de seus habitats e transformá-los em produtos. Consta-se que as necessidades básicas de alimento, vestuário, habitação e emprego, bem como as perspectivas de melhoria de qualidade de vida não estavam sendo atendidas adequadamente pelo modelo de desenvolvimento econômico adotado.

Esta posição da Comissão, que ocorreu há 30 anos atrás, não concebia as relações e as interações dos contextos de desigualdade que afloraram com o evento pandêmico. Ainda em 2012, por ocasião do evento Rio+20, os problemas apontados retomaram as ideias do Relatório Brundtland de 1987, e da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento de 1992. A Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara dos Deputados, nos encontros da Rio+20, apresentou diagnósticos e propostas consideradas problemáticas para a nação brasileira. Não somente as análises para o futuro, mas também aquelas voltadas para o passado, continuaram orientadas na direção do dilema da conservação e uso sustentável dos recursos naturais e a percepção da sustentabilidade.

Foram cinco os temas debatidos: 1) Biomas; 2) Recursos hídricos; 3) Meio ambiente urbano; 4) Energia; 5) Segurança alimentar. Os debates foram orientados segundo os dois eixos básicos da Rio+20: a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza; e as alternativas para uma melhor governança tendo em vista o desenvolvimento sustentável (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2012, p. 11).

A Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara dos Deputados foi criada em 1997 para trabalhar os compromissos de alcance global assumidos na Conferência de 1992. Os parlamentares compreendem que os ecossistemas estão interligados e são interdependentes. A Frente Parlamentar Ambientalista, formada por deputados e senadores, procura tratar o desenvolvimento sustentável, no governo de modo transversal “em parceria com a sociedade civil e com os setores produtivos mais avançados da economia brasileira” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2012, p. 12).

Entende-se “recursos comuns” como o usufruto de recursos naturais, ou produzidos a partir deles, para o bem estar dos seres humanos. Ora, o relatório do Clube de Roma de 1972, que trata dos limites do crescimento (MEADOWS *et al.*, 1972), tentava romper com esta premissa dominante de crescimento contínuo advindo da sociedade industrial. A concepção de desenvolvimento contínuo deteve-se na equação: disponibilidade de recursos, exploração ou meios de transformação deles, e as consequências de poluição e distribuição dos bens e serviços produzidos para oferecer qualidade de vida. Ou seja, as consequências do desenvolvimento são compartilhadas como todos e todas que vivem no Planeta, independentemente onde se encontram.

Fonseca e Seraphim (2009) questionam a neutralidade da ciência e o determinismo da tecnologia ao conformar o conceito de tecnologia social. Para eles, todos os usuários precisam participar dos processos de desenvolvimento tecnológico, colocando assim seus valores e interesses para fazer escolhas no momento de concepção das tecnologias. Os autores propõem a criação de uma Rede de Tecnologia Social, “democrática, dialógica, inclusiva e que ao influenciar o processo de elaboração de políticas públicas, fomentar e articular diversos agentes de desenvolvimento em ações complementares e sustentáveis” (p. 140-141), possa contribuir para enfrentar os problemas do nosso país.

Além desta ideia de se criar uma tecnologia social, na década de 1990, Ignacy Sachs (2009) propôs o ecodesenvolvimento como um programa de ações abrangente, que continha questões econômicas, culturais, sociais, éticas e gestão participativa. O autor se posiciona contrário ao desenvolvimento a qualquer custo, pois se faz premente traçar um conjunto de ações de conservação e preservação ambientais com forças para equilibrar a equação dos limites do desenvolvimento e a disponibilidade e partilha dos recursos. Assim, os resultados podem assegurar dignidade às pessoas, a inclusão e o acesso aos serviços públicos e aos direitos constitucionais.

Este cenário delineado para o futuro comum se ampliou com a chegada da pandemia da Covid-19 em 2020. Houve um descortinamento da falta de solidariedade entre os povos e a multiplicação de crises, risco e perigos que necessitam de reflexões e discussões. Segundo Edgar Morin (LE BAILEY; COURAGE, 2020, *on-line*): “esta crise mostra que a mundialização é uma interdependência sem solidariedade”.

TRÊS DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE E A DOENÇA COVID-19

DIMENSÃO AMBIENTAL DA SUSTENTABILIDADE, DAS APRENDIZAGENS E DA COVID-19

A pandemia da Covid-19 é um evento mundial que apresentou riscos de morte por desconhecimento técnico-científico da atuação do vírus Sars-CoV-2 no corpo humano. O fluxo informacional da crise epidêmica é controverso, tanto nas consequências, quanto nas medidas mitigatórias para possíveis soluções dos problemas. Quando a comunidade científica contextualizou e identificou o novo Coronavírus, a pertinência dos estudos restringiu-se à área da saúde, ainda com conhecimentos tradicionalmente fragmentados. Porém, os protocolos de prevenção indicados pelas instituições mundiais e nacionais possibilitaram aprendizagens interdisciplinares, uma vez que as mudanças no meio ambiente, na economia e na sociedade assumiram várias facetas e se desdobraram com a multiplicação dos saberes e conhecimentos.

A ideia do presente e do futuro comum para o Planeta foi reforçada, bem como da necessidade do agir sustentável. “A sustentabilidade está cada vez mais presente na vida de todos os indivíduos, ainda que esses não percebam em razão da sua grande abordagem no mundo todo como uma forma de amenizar os problemas ambientais que o próprio ser humano causou ao Planeta Terra”. Por isso, a sustentabilidade assume dimensões múltiplas nas diferentes formas de constituir relações humanas (IAQUINTO, 2018, p. 157).

Ao corroborar a autora, observa-se que a sobrevivência da humanidade depende da moderação do uso dos recursos naturais pelo sistema industrial capitalista, mas também depende da saúde coletiva. Então, a sustentabilidade e a Covid-19 estabelecem relações entre si quanto ao presente e ao futuro das civilizações. Introduce a necessidade de reatar o pacto entre a saúde e a sobrevivência, da humanidade e dos ecossistemas, para as presentes e as futuras gerações. “Refere-se ao direito das gerações atuais, sem prejuízo das futuras, ao ambiente limpo, em todos os aspectos; meio ecologicamente equilibrado, como diz o artigo 225 da Carta Magna” (IAQUINTO, 2018, p.163).

A pandemia da Covid-19 evidenciou também as implicações de sobrevivência, longevidade e de degradação ambiental decorrentes das relações do ser humano com a matéria e os seres vivos. A substância ou ser minúsculo como o vírus Sars-CoV-2 não é matéria orgânica, e assume uma “onipotência” imaterial, com ressonâncias hercúleas nos comportamentos cotidianos e atitudes, aprendizagens, nas relações sociais e de sustentabilidade

desde 2019, quando foi identificado na cidade de Wuhan, na China. A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), agência especializada em saúde do Sistema Interamericano, e hospedeira do Escritório Regional para as Américas da Organização Mundial da Saúde (OMS), a agência especializada em saúde das Nações Unidas, declarou o surto do novo Coronavírus.

30 de janeiro de 2020 – A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou nesta quinta-feira (30), em Genebra, na Suíça, que o surto do novo coronavírus (2019-nCoV) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). Atualmente, há casos em 19 países, com transmissão entre humanos na China, Alemanha, Japão, Vietnã e Estados Unidos da América (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020).

“Nasceu”, então, conforme o texto da OMS, um evento global que demandou a organização de “novas” estratégias, ainda que houvesse aprendizagens trazidas por outros surtos epidêmicos registrados pelas gerações passadas. Recordam-se os casos da varíola nos primeiros contatos dos espanhóis com povos autóctones americanos (astecas), e também grupos indígenas brasileiros, da gripe espanhola de 1916, que chegou ao Brasil em meados de setembro de 1918, por meio do “navio da morte” Demerara, os vírus das gripes ‘influenza’ ou H1N1, e outros surtos de gripes epidêmicos e pandêmicos como: São Petersburgo (1889 a 1890), a Espanhola (1918 a 20), a Asiática (1957 a 1958), de Hong Kong (1968 a 1969), a Russa (1977 a 1978), a Aviária (2003 a 2004) e a Suína (2009) (QUALITAS, 2020).

DIMENSÃO ECONÔMICA DA SUSTENTABILIDADE, DAS APRENDIZAGENS E DA COVID-19

A dimensão econômica da sustentabilidade circunda os princípios do equilíbrio entre oferta e a demanda, na medida em que “[...] busca-se um real equilíbrio entre a contínua produção de bens e serviços e a justa distribuição da riqueza (IAQUINTO, 2018, p.165). Esta ideia está sintonizada com o usos dos recursos naturais das presentes gerações e com o futuro comum. Mas, toda esta busca pelo equilíbrio econômico financeiro foi interrompida com a disseminação mundial da pandemia da Covid-19, no primeiro trimestre do ano de 2020. As Nações Unidas (2020) identificaram o incremento de dissonâncias globais afetando as atividades econômicas de modo diverso, o uso de recursos naturais, clima, a resiliência e a eficiência, o qual evidenciou-se assimétrico entre países, estados e regiões.

The economic disruption created by the crisis is leading to a reconsideration of resource use and the fragility of supply lines. This opportunity needs to be used to

strengthen approaches that enhance both resilience and efficiency, such as the circular economy, climate action and raising the ambition of NDCs (UNITED NATIONS, 2020).

Houve um “tsunami” ou uma vaga volumosa de informações que ressoou rapidamente nas atividades econômicas globalizadas. O setor de transporte aéreo internacional, por exemplo, chegou a registrar queda de 80% entre março de 2019 e 2020. Atividades de turismo, manufatura e a indústria de produção foram as mais afetadas de imediato. Contrastam-se no mesmo período o crescimento econômico e a demanda pelos serviços nos setores de saúde, alimentação, comunicação e *e-commerce*.

Claro, é de se imaginar que nem todos os setores do *e-commerce* terão crescimento neste período. Pelo contrário, é possível que muitos deles até encolham ou fechem as portas. Contudo, novamente, se analisarmos sobre um contexto nacional e global de retração ou até depressão, isto não é nada surpreendente (MOREIRA, 2020 *on-line*).

O indicador de empregabilidade repercutiu as desigualdades socioeconômicas semelhante às adversidades das leis trabalhistas, desempregados ou inativos, redução da jornada de trabalho, produção logística, e comércios de bens e serviços. Na globalidade, a *International Labour Organization* (ILO) calculou que a perda chegou a 288 milhões de empregos em tempo integral em julho de 2020, sobre a estimativa de 3,30 bilhões de empregos mundiais. A inatividade e menos horas trabalhadas equivaleram à perda de US \$ 3,7 trilhões ou 4,4% do Produto Interno Bruto global (INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION, 2021).

Nos Estados Unidos, por exemplo, em quatro semanas de oficialização da Covid-19 perderam-se mais empregos do que os que foram proporcionados em uma década. Foram solicitados 26,4 milhões de novos pedidos de subsídios, enquanto na crise econômica de 2008 e 2009 perdeu-se 8,7 milhões de empregos, calculando a média de 750 mil ao mês. A taxa média de desemprego variava entre 4 e 6%, nas em abril de 2021 chegou a 15,8% (TRADING ECONOMICS, 2021). No Brasil as taxas históricas de desemprego foram mais instáveis: em 1990 era 4,3%, elevou-se a 12,3% em 2004, retrocedeu a 4,8% em 2014, e no ápice pandêmico de 2021 atingiu 14,7%, ou seja 14,6 milhões de “pessoas desocupadas” (IBGE, 2021).

Provavelmente o Coronavírus será motivo para justificar o agravamento da desigualdade mundial de distribuição de emprego e renda. Comparando a renda de 2.153 seres humanos identificados como bilionários monetários, com a mesma renda para dividir entre 4,6

bilhões de pessoas, que corresponde a 60% da população global, verifica-se a concentração de renda e a não distribuição de riquezas por meios de salários e empregos. Todavia, todos consomem e usufruem do mesmo oxigênio, da terra, água e outros elementos do espaço geográfico que sustentam a vida da humanidade (BARROCAL, 2020).

Este cenário de desigualdade de renda, de empregabilidade, de produção de bens e serviços traduz as dificuldades que as gerações presentes e futuras terão se os fins não estiverem alinhados com os meios, e se a intencionalidade e a práxis não forem inseridas no processo de socialização e do desejado desenvolvimento sustentável. A orientação das decisões precisa estar concentrada numa civilização do “ser”, com maior equidade na distribuição do “ter” e da renda, reduzindo as distâncias entre padrões de vida social e econômica, e aumentando o acesso aos recursos e serviços sociais, políticos, econômicos e culturais (IAQUINTO, 2018).

DIMENSÃO SOCIAL DA SUSTENTABILIDADE, DAS APRENDIZAGENS E DA COVID-19

Em 2020, durante a pandemia, o Estado se mobilizou para amenizar os efeitos das desigualdades socioeconômicas, como desemprego, estagnação econômica, dentre outras sequelas. Reproduziram-se mimetismos de iniciativas socioeconômicas, como a Renda Básica Emergencial (RBE). Isto ocorreu em nações do Ocidente ao Oriente, ou em países localizados entre as linhas abissais do norte e sul global.

A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. O universo "deste lado da linha" só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante: para além da linha há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética (SANTOS, 2007, p. 71).

Indubitavelmente, a pandemia ressaltou a condição e obrigação do Estado em oportunizar, àqueles que estão na periferia das estruturas sociais, a reintegração aos mecanismos de produção e do consumo de bens e serviços por meio de subvenções e subsídios. No Canadá, o auxílio emergencial denominou-se *Subvention Salariale d'Urgence du Canada* (GOUVERNEMENT DU CANADA), nas Filipinas *Emergency Subsidy Program* (ABAD, 2020) e no Brasil popularizou-se com a alcunha *Coronavoucher*, dentre outros.

Algum tipo de transferência de renda, como a RBE e o Programa Bolsa-Família, tornou-se um atendimento eventual e emergencial aos cidadãos excluídos das promessas de bem estar

disseminadas pelo ecodesenvolvimento proposto por Sachs. “Os objetivos do desenvolvimento são sempre sociais, há uma condicionalidade ambiental que é preciso respeitar, e finalmente, para que as coisas avancem, é preciso que as soluções pensadas sejam economicamente viáveis” (SACHS, 2009, p. 232).

No looping da montanha russa, onde podemos colocar a pandemia, a globalização procurou manter-se nos trilhos, ainda que estejamos diante das evidências de “exclusões sociais” desveladas até nas tipificações de distanciamento social: isolamento social vertical e horizontal, quarentena e execução compulsória - por meio de bloqueios socioeconômicos ou *lockdown*.

O vírus Sars-CoV-2 foi mais contundente nas consequências para aqueles indivíduos susceptíveis às más condições sociais, econômicas e ambientais. Por mais que a pandemia tenha sido um evento centrado em questões sanitárias, os efeitos socioeconômicos sugerem a ampliação de situações de vulnerabilidade social e necessidade de ressignificação. Segundo a médica e antropóloga Mendenhall (2017), o modo como pensamos sobre as patologias das doenças e o atendimento às pessoas afetadas pelas desigualdades econômicas e sociais influenciam na condução das agendas políticas, nas prioridades e na alocação de recursos.

Considerando que a dimensão social da sustentabilidade “atua na proteção da diversidade cultural, garantia do exercício pleno dos direitos humanos e combate à exclusão social (IAQUINTO, 2018, p. 167), a orientação da população para “ficar em casa”, deixou vulnerável esta dimensão. De forma semelhante, refletiram-se os efeitos sociais do “achatamento da curva” que visava mitigar a disseminação do vírus Sars-CoV-2. Pretendia-se não sobrecarregar as estruturas de saúde pública e privada, com o surto pandêmico, mas as demandas emergências da pandemia, protelaram os tratamentos pré-pandêmicos de enfermidades e comorbidades preventivas para assegurar o bem-estar pessoal.

Nesta perspectiva não significa dizer que as necessidades econômicas não são determinantes na qualidade de vida, mas que o sociopolítico coloca-se como dimensão ou dimensões importantes na medida em que permite ao cidadão construir representações acerca de seu sustento e de sua família, assim como do acesso às condições de melhorias de sua cidade, melhorias estas geradas pelas atividades econômicas no meio social, tais como disponibilidade de emprego com salários dignos; condições de qualificação; geração, distribuição e equidade de renda, e, dentre outras, o investimento e gerenciamento público que contemple a distribuição de riqueza pública associada à equidade do serviço com qualidade (SILVA *et al.*, 2012, p.26-27).

A pandemia exteriorizou paisagens e cenários ocultos pela sociedade idealizada, expondo os invisíveis, no caso os sem tetos, moradores de rua, migrantes, refugiados, dentre outros. Estas categorizações sociais mesclaram-se a aproximadamente 4,4 bilhões de seres humanos ou 55% da população mundial que estão presentes no cotidiano das cidades (UNITED NATIONS, 2020).

APRENDIZAGENS PARA A PRESENTE E AS FUTURAS GERAÇÕES

Depreende-se do fenômeno da Covid-19 a importância da compreensão da sustentabilidade no âmbito da complexidade das relações sociais para situar as desigualdades humanas, os ônus (responsabilidades) do sistema produtivo, e os bônus (equivalência) distributivos dos lucros para o bem-estar e a qualidade de vida dos seres humanos e do Planeta.

O "sujeito de seus próprios pensamentos", repele soluções alienadamente transplantadas, e privilegia os elementos da realidade cultural e os problemas enquanto possibilidades de aprendizado. Para Peroza (2014, p. 102), discutindo o educador Paulo Freire, a sabedoria de vida está no enfrentamento dos problemas e “encontra nas dificuldades sofridas uma lição que ajuda a lidar melhor com as futuras adversidades que, possivelmente, chegariam uma dia”. No nosso futuro comum, o desassossego provocado pela Covid-19 nos apresentou uma oportunidade para nos apropriarmos de saberes e conhecimentos da nossa realidade cultural, sem “a mimesis” de experiências exteriores e longínquas.

O conhecimento de que se trata não é o conhecimento técnico e dirigido a controlar o mundo externo, mas o autoconhecimento que propicia uma expansão da consciência [...] Sem autoconhecimento, todo saber pode tornar-se deletério. Não compreenderemos de fato, algo “fora” de nós, que não esteja em relação ao nosso ser, à nossa própria dimensão íntima (RAFFAELLI, 2004, p. 226).

O sujeito social pode reeducar-se ao tomar consciência de si e dos reflexos nas relações ambientais e socioeconômicas. Principia-se, no esforço temporal e intelectual, rever as perspectivas de tempo e espaço que o corpo delimita. Percebe-se um ser frágil, que necessita de elementos básicos para a sobrevivência, embora em sua temporalidade e espacialidade, a metafísica de suas crenças e ideais possibilitem subjugar e relativizar a vida cotidiana de milhões de outros seres humanos e a biosfera.

O evento sanitário é oportunidade para pessoas, organizações e instituição revisarem conceitos de vida, percepção de mundo, consciência de si mesmo, das relações, da estruturação e das finalidades que propõe a organização social, mesmo que os efeitos da pandemia sejam experimentados e sentidos de formas diversas. Independente de nível social e econômico, o fenômeno fez as pessoas se perceberem como sujeitos dentro de uma estrutura social hierarquizada, com diversidade linguística, e com diferenças abissais entre o emissor e o receptor, somadas aos ruídos e intencionalidades comunicativas.

Enquanto o ser humano utiliza todos seus meios e conhecimentos para tentar identificar e nominar os causadores e as causas do vírus Sars-CoV-2, e a busca por uma solução sanitária duradoura para a Covid-19, as ações de mitigação da pandemia, em especial o distanciamento social, exigiram resiliência do cidadão aos conceitos de vida e de sociedade.

A resiliência da organização social está sendo posta à prova: a) na forma e finalidade de ensino e aprendizagem dos sistemas educacionais (presencial e a distância); b) na mobilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) por meio da cooperação e da concorrência; c) na evidência das fissuras socioeconômicas latentes no mundo do trabalho; d) nos preconceitos entre pessoas socialmente ativas e passivas; e) na necessidade de conhecimentos técnicos e científicos que possibilitam permutas na evolução cultural.

A pandemia do Coronavírus trouxe muitas formas de aprender, sobretudo aquelas fomentadas pelo medo da morte e pela invisibilidade do vírus. Houve a necessidade de aprendizagens com a busca da solidariedade alheia pessoal (vizinhos), comunitária (organizações) e institucional (Estado). Exemplifica-se com o pequeno país centro americano de Cuba. Destarte da situação quase secular (mais de 70 anos) de controle político e econômico interno e externo, a experiência médica de conhecimento e profissionais cubanos foi compartilhada antes da pandemia com países em desenvolvimento (Brasil), e no auge da Covid-19 com os mais desenvolvidos (Itália). Solicitou-se o destaque *nobel* da virtude caribenha na efetividade do trabalho local. Poder-se-ia recordar também a emergência de oxigênio no norte do Brasil, socorrido pelo país vizinho, a Venezuela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há dimensões de abordagem da sustentabilidade a serem implantadas sem divisões que delimitem as interações contínuas entre os seres humanos e o Planeta Terra. A sustentabilidade

ensina que o trabalho é um esforço para além da monetarização. Os estudos, pesquisas que possibilitaram a diminuição das consequências da pandemia não podem somente ser alvo de valoração monetária porque foi um esforço coletivo entre parceiros transfronteiriços.

O evento humanitário questiona se há prosperidade para as pessoas e o Planeta nas intenções e ações que estão sendo desenvolvidas. É um teste de revisão de indicadores, por meio de resultados alcançados e do que se pretende. É o conjunto de todas as notas unidas entre si que constitui a essência da vivência. No tripé da sustentabilidade a dimensão social demonstrou-se preponderante e até determinante nas prioridades, no caso a sobrevivência.

Neste texto, procuramos apresentar aspectos relacionais de aprendizagens, sustentabilidade e Covid-19, os quais estão sintonizados com as ideias de futuro comum e de satisfação de necessidades das gerações presentes e futuras. Para se crer que temos um futuro comum, e que a vida cotidiana apresenta parâmetros para as gerações futuras, faz todo sentido a utilização do avanço tecnológico e conceitual que o ser humano acumulou e registrou até o momento.

As epidemias são possibilidades de aprendizado se houver autorreflexão, sensibilidade e altruísmo, ou seja, capacidade de ver no outro um complemento da natureza. A espécie humana representa aproximadamente 0,01% dos seres vivos do planeta, contudo é desproporcional os efeitos que causa sobre as demais espécies como plantas, bactérias e animais.

O Sars-CoV-2 (Coronavírus) e a Covid-19 são acontecimentos sintomáticos da humanidade em desenvolvimento. Os vírus são parte da natureza, conviver com eles é um processo recíproco de conhecimento. O pós-Coronavírus será sentido e vivido de formas diferentes. Alguns setores sociais são mais sensíveis e terão de se adaptar às transformações ocasionadas pelo evento pandêmico moderno. Outros tentarão propor soluções que se revestem de tecnologias algorítmicas e inteligência artificial, mas talvez reproduzam apenas diferenças nos atributos e não nas essências das relações sociais. Mas, ainda assim, haverá múltiplas alternativas para reproduzir a simplicidade cotidiana, como a higienização e as relações de convivência social, entre pessoas anônimas com as mundialmente famosas, e a revisão da complexidade da interconexão da vida do cidadão moderno.

É a oportunidade da resiliência e do decrescimento como atitudes de transição do homem antropoceno para nova concepção de globalização. O decrescimento é uma

possibilidade crítica de revisão na produção e no consumo do estilo de vida individual e coletivo. A resiliência é uma necessidade exigida pela natureza à condição humana diante do “ponto de mutação” para a sustentabilidade. O resultado ainda é incerto, mas é certeza que a abordagem deverá ser interdisciplinar e compreender várias dimensões: ambientais, econômicas, territoriais, culturais, políticas, jurídicas, éticas e tecnológicas.

REFERÊNCIAS

ABAD, Michelle. **DSWD para LGUs: Distribua subsídio de emergência primeiro, validação posterior.** 16 abr. 2020. Disponível em: <https://www.rappler.com/nation/dswd-says-distribute-emergency-cash-aid-first-validation-later>. Acesso em: 30 ago. 2021.

BARROCAL, André. **Concentração de renda mostra “brasilianização do mundo”.** Carta Capital, Economia. 26 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/concentracao-de-renda-mostra-brilianizacao-do-mundo/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara dos Deputados. **Ciclo de palestras e debates para a Rio+20 em busca de uma economia sustentável Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável 0 Rio+20.** Brasília, 2012.

CAMOLEZ, Edino. **As principais pandemias de gripe dos últimos séculos.** Qualittas. Artigos, 2 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.qualittas.com.br/blog/index.php/as-principais-pandemias-de-gripe-dos-ultimos-seculos/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

DE MASI, Domenico. **Coronavírus anuncia revolução no modo de vida que conhecemos.** Domenico De Masi relata drama na Itália. 22 mar 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/03/coronavirus-anuncia-revolucao-no-modo-de-vida-que-conhecemos.shtml>. Acesso em: 30 ago. 2021.

FONSECA, Rodrigo; SERAPHIM, Milena. A tecnologia social e seus arranjos institucionais. In: DAGNINO, R. (org.). **Tecnologia social: ferramenta para construir outra sociedade.** 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Komedi, p. 139-153. 2009. Acesso em: 30 ago. 2021.

GOUVERNEMANT DU CANADA. **Subvention salariale d'urgence du Canada.** Disponível em: <https://www.canada.ca/fr/agence-revenu/services/subvention/subvention-salariale-urgence.html>. Acesso em: 30 ago. 2021.

IAQUINTO, Beatriz Oliveira. A sustentabilidade e suas dimensões. **Revista da ESMESC**, v. 25, n. 31, p. 157-178, 2018. Disponível em: <https://revista.esmesc.org.br/re/article/view/187>. Acesso em: 28 ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.** Séries Históricas. 2021. Disponível

em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego. Acesso em: 30 ago. 2021.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION (ILO). **COVID-19 and the world of work**. Seventh edition. Updated estimates and analysis. 25 January 2021. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms_767028.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021.

JUNIOR, João Ribeiro. **Fenomenologia**. São Paulo: Pancast, 1991.

LE BAILEY, David; COURAGE, Sylvain. Edgar Morin: A mundialização é uma interdependência sem solidariedade. Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1171>. Acesso em: 30 ago. 2021.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. Universidade de São Paulo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, maio-ago., p. 289-300. 2004.

MEADOWS, Donella H.; MEADOWS, Dennis L.; RANDERS, Jorgen; BEHRENS, William W. **The limits to growth**; a Report for the Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind. New York: Universe Books, 1972. Disponível em: <http://www.donellameadows.org/wp-content/userfiles/Limits-to-Growth-digital-scan-version.pdf>. Acesso em: 27 ago, 2021.

MENDENHALL, Emily. Syndemics: a new path for global health research. **www.thelancet.com**, v. 389, March 4, p. 889-891. 2017.

MOREIRA, Paulo. **Comércio eletrônico: antes e depois da pandemia do coronavírus**. Disponível em: <https://www.ecommercebrasil.com.br/artigos/comercio-eletronico-antes-e-depois-da-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

NAÇÃO UNIDAS. **ONU prevê que cidades abriguem 70% da população mundial até 2050**. Clima e Meio Ambiente. 19 fevereiro 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701>. Acesso em: 30 ago. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus. Brasília, 30 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>. Acesso em: 28 ago. 2021.

PEROZA, Juliano. **Provocações antecipatórias ou a esperança como inédito viável: a contribuição do pensamento utópica de Paulo Freire para a formação de professores**. 295 f. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. (PUCPR). Programa de Pós-Graduação em Educação. Escola de Educação e Humanidades. Curitiba, 2014.

RAFFAELLI, Rafael. Solaris: Conhecimento e autoconhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 213-23, 2004.

SACHS, Ignacy. **A terceira margem, em busca do ecodesenvolvimento**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos**. Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), 79, p. 71-94. 2007.

SILVA, Antônio Sergio; SOUZA, José Gilberto de; LEAL, Antônio Cezar. A sustentabilidade e suas dimensões como fundamento da qualidade de vida. **GeoAtos**. Revista Geografia em Atos. Departamento de Geografia da FCT/UNESP. Presidente Prudente, v.1, n. 12, jan.-jun., p. 22-42, 2012.

SOUSA, Janara. As sete Teses equivocadas sobre conhecimento científico: reflexões epistemológicas. **Ciências & Cognição**. v. 8, p. 143-152, 2006.

TRADING ECONOMICS. **United States Unemployment Rate. 2021**. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/united-states/unemployment-rate>. Acesso em: 30 ago. 2021.

UNITED NATIONS. **Shared responsibility, global solidarity: responding to the socio-economic impacts of Covid-19**. March 2020. Disponível em: https://en.unesco.org/inclusivepolicylab/sites/default/files/publication/document/2020/4/sg_report_socio-economic_impact_of_covid19.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021.